



"PRODIGIOSA MUDANÇA DE VESTIDURAS": A HISTORIOGRAFIA SOBRE A MODA NA AMÉRICA PORTUGUESA

"Prodigiosa mudança de vestiduras": historiography on fashion in Portuguese America

MORAES, Juliana de Mello; PhD; Universidade Regional de Blumenau; Universidade Federal do Paraná, jmmoraes@furb.br

Resumo: Esta pesquisa analisa a produção historiográfica brasileira realizada entre 1997 e 2017, sobre moda, vestuário e aparências para a América portuguesa (1500-1822). Verificam-se as problemáticas e fontes utilizadas nessas pesquisas, no intuito tecer um panorama geral dessa produção. Constata-se grande escassez de pesquisas para o referido período, apesar da qualidade e relevância dos trabalhos existentes.

Palavras-chave: Moda; Historiografia brasileira; Brasil Colônia.

Abstract: Abstract: This research analyzes the Brazilian historiographic production carried out between 1997 and 2017 on fashion, clothing, and appearances for Portuguese America (1500-1822). The problems and sources used in these researches are verified in order to provide an overview of this production. There is a great lack of research for this period, despite the quality and relevance of the existing works.

Keywords: Fashion; Brazilian historiography; Colonial Brazil.

Introdução

A produção acadêmica brasileira sobre a moda e as aparências cresceu significativamente nas últimas décadas em decorrência, principalmente, da ampliação do número de cursos de pós-graduação (BONADIO, 2010, p. 76; RAINHO, 2015, p. 2). Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa consiste em avaliar a historiografia brasileira sobre a moda, o traje e as aparências que contempla o período denominado de América portuguesa (1500-1822) e suas



conexões com as transformações na área da História. Para tanto, selecionou-se publicações monográficas (livros), teses e dissertações defendidas nas pós-graduações em História entre 1997 e 2017, e que tenham como objeto principal a moda, o traje, o vestuário, a indumentária ou as aparências entre os séculos XVI e início do século XIX.

Os livros sobre a indumentária na América portuguesa entre os pioneiros e atuais

Desde a década de 1960, a historiografia aponta a relevância da cultura material e do vestuário para a análise das sociedades. Fernand Braudel em seu estudo sobre as estruturas e a vida material no Mediterrâneo, entre os séculos XV e XVIII, dedicou um capítulo específico sobre a roupa. Neste destacou que "a história das roupas é menos anedótica do que parece" (BRAUDEL, 1995, p. 281). Tal afirmação se baseia na percepção da complexidade que cerca o vestuário, uma vez que permite ao pesquisador elaborar problemáticas distintas a respeito das matérias primas, dos modos e custos de produção e das relações comerciais, bem como "da fixidez cultural, das modas e das hierarquias sociais" (BRAUDEL, 1995, p. 281). Entretanto, a valorização dos estudos sobre distintos aspectos do cotidiano, incluindo a moda, a indumentária, o vestuário e as aparências das populações de outros tempos emergiu na historiografia brasileira, sobretudo, a partir da década de 1990 (SCHWARTZ, 2009, p. 182), impulsionada, principalmente, pelas mudanças proporcionadas pela nova história francesa (PRIORE, 1997, p. 261-262). Esse movimento promoveu a visibilidade a sujeitos e objetos antes marginais na historiografia.

A importância da moda e do vestuário ocorre, inclusive, pelo menos desde o século XVIII, como revela o dicionarista Raphael Bluteau, o qual considerava a moda como algo pernicioso, pois a "prodigiosa mudança das



vestiduras” era obra de pessoas pouco sisudas como as mulheres e os rapazes (BLUTEAU, 1728, p. 526). Ainda que possuísse conotações negativas, a moda já tinha definição e suscitava reflexões naquele período. No entanto, como atualmente tem sido trabalhada essa temática para a América portuguesa na historiografia brasileira?

Desde o início do século XX foram publicados estudos que atentam para a vida material das populações do período colonial. Contudo, raros são os livros produzidos por historiadores que focam exclusivamente essas temáticas. Para o recorte temporal proposto nesta pesquisa (1997-2017) é possível indicar somente duas publicações inteiramente voltadas para a indumentária ou as aparências na América portuguesa de autoria, respectivamente, de Mara Rúbia Sant’Anna (2016) e Camila Borges da Silva (2010).

O livro de Camila Borges da Silva, intitulado “O Símbolo Indumentário: distinção e prestígio no Rio de Janeiro (1808-1821)”, aborda a indumentária na sociedade de corte joanina. A autora foca sua análise na circulação da moda naquele contexto, bem como nos mais diversificados aspectos dos “hábitos indumentários” como roupas, cortes, joias, penteados, entre outros (SILVA, 2010, p. 15). Também, avalia o uso de uniformes e insígnias enquanto símbolos de distinção. Para tanto, Silva utiliza diversas fontes produzidas por instituições político-administrativas, como a Câmara Municipal, a legislação da época, inventários *post-mortem*, periódicos, dicionários, imagens e relatos de viajantes. Desse modo, a pesquisa revela as distintas possibilidades para os pesquisadores interessados a trabalhar com o tema entre finais do século XVIII e início do século XIX. Ao longo de três capítulos, a autora explora as transformações suscitadas pela chegada da corte no Rio de Janeiro, indicando o “arcaísmo” dos comerciantes ao almejarem as insígnias e as distinções características da sociedade nobiliárquica. Paralelamente, aponta a importância do espaço público para a disputa entre os mais distintos grupos sociais, pois



eram nas cerimônias reais, eventos religiosos e leigos que se revelava “a dinâmica social e política, esfera na qual a tradição e a modernidade estavam igualmente presentes” (SILVA, 2010, p. 196).

Outra obra dedicada exclusivamente ao estudo da roupa na América portuguesa foi elaborada pela historiadora Mara Rúbia Sant’Anna. Denominado “O Brasil por suas aparências. Sociabilidades coloniais entre o ver e o ser visto”, o livro “centra-se nas relações da aparência e do poder, buscando analisar como estas variantes permearam a construção das elites no Brasil e constituíram, inclusive uma identidade nacional para este imenso território” (SANT’ANNA, 2016, p. 9). Embora publicada 2016, a pesquisa é bastante anterior, sendo parte de um projeto mais amplo que engloba também o período imperial (SANT’ANNA, 2006, s.p.). As balizas temporais empregadas pela autora baseiam-se na divisão tradicional da história brasileira, a qual inicia com a chegada dos portugueses em 1500 e finaliza em 1808 com a mudança da corte para o Rio de Janeiro, suscitando a transformação do *status* político da América no império português. A partir de diversos relatos de viajantes, imagens elaboradas na época e da historiografia especializada no período, Mara Rúbia constrói sua análise sobre as aparências do período colonial. Segundo a autora, a aparência consiste numa

“dimensão da experiência social que mediatiza a apreensão das representações construídas. Não como instrumento, tal como os óculos fariam aos olhos deficientes, mas como substância que delimita, condiciona e significa a mensagem” (SANT’ANNA, 2016, p. 203).

Nesse sentido, a análise atenta para a aparência enquanto “construtora de sociabilidades” (SANT’ANNA, 2016, p. 11). O livro está dividido em três partes, a primeira aborda as relações entre europeus e indígenas, enquanto a segunda contempla as diferentes sociedades forjadas durante a colonização (nordeste açucareiro, São Paulo e os bandeirantes, Minas Gerais) e um capítulo final dedicado aos escravos. O mérito da pesquisa consiste na percepção das especificidades



regionais e do destaque para as relações étnico-sociais como base para o estudo das aparências.

Embora os livros sobre a indumentária, o vestuário ou as aparências para a América portuguesa sejam raros, alguns autores exploraram tais temas ou afins em capítulos específicos em obra individual ou em coletâneas dedicadas a outros assuntos.

A historiadora Silvia Hunold Lara, por exemplo, publicou um capítulo denominado “Sedas, panos e balangandãs: o traje de senhoras e escravas nas cidades do Rio de Janeiro e de Salvador (século XVIII)”, na coletânea intitulada *Brasil: colonização e escravidão*, organizada por Maria Beatriz Nizza da Silva (2000). Nesse estudo, Lara analisa o embate entre sentidos e intenções na sociedade hierarquizada e escravista do século XVIII, tendo como foco as “lutas travadas com pedaços de pano e enfeites, em busca de identidades e diferenças” (LARA, 2000, p. 183). A autora indica que “roupas, tecidos e adornos eram lidos como símbolos da presença ou ausência de riqueza e poder” (LARA, 2000, p. 183), perpassando as relações étnico-sociais da época. Para elaborar sua análise, Lara utiliza cartas régias, a legislação da época e outros documentos produzidos por funcionários do âmbito político-administrativo e aqueles vinculados a estrutura eclesiástica. Constatou que as mulheres negras, tanto livres quanto escravas, forjavam suas identidades e revelavam linguagens próprias, pois se esmeravam no seu vestuário composto, por vezes, de sedas e enfeites luxuosos, manifestando aspirações distintas (sagradas ou profanas) e escapando “ao entendimento dos olhares brancos que as observavam” (LARA, 2000, p. 186). Finalmente, é fundamental referir que nesse texto, a autora também aponta a escassez de estudos sobre o vestuário colonial, bem como a raridade de trabalhos sobre os trajes dos africanos e afrodescendentes para esse período (LARA, 2000, p. 185).

Além desse estudo, Silvia Lara na sua obra intitulada “Fragmentos setecentistas: escravidão, cultura e poder na América portuguesa”, publicada em



2007, ao analisar "os significados políticos da presença cada vez maior de escravos e libertos nos centros urbanos da América portuguesa" (LARA, 2007, p. 15), dedica um capítulo ao vestuário no intuito de avaliar os "modos de dominação social e das distinções situadas além daquelas praticadas por nobres e pessoas de maior qualidade" (LARA, 2007, p. 87). Para tanto, estudou a legislação portuguesa, em especial, as leis pragmáticas, as quais regulavam os usos dos trajes no império português. Segundo a autora, se inicialmente essas determinações utilizavam categorias sociais amplas, distinguindo nobres e plebeus; em 1749, a inclusão dos negros e escravos no corpo do texto legislativo sugere a intenção de "incorporar à função simbólica do vestuário o signo da cor" (LARA, 2007, p. 102). Desse modo, demonstra a relevância da indumentária nos jogos hierárquicos na América, onde a presença maciça de negros e pardos, escravos ou forros, estimulou o incremento das roupas e dos adornos entre os libertos e, ainda mais, entre os brancos. Conclui que o desejo de distinção, expressa pelo consumo indumentário, entre os diferentes grupos acentuava as desigualdades sociais.

Teses e dissertações sobre a indumentária, moda, traje, vestuário, aparência e roupa na América portuguesa

Além das referidas publicações, buscou-se trabalhos desenvolvidos nas pós-graduações em História que versem sobre a indumentária, o vestuário, as aparências e temas correlatos para a América portuguesa. A pesquisa foi realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, no Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp, na Biblioteca Digital da UFMG, no Google Acadêmico, privilegiando como palavras-chaves indumentária, vestuário, traje, moda, roupa e luxo; relacionando-as com os seguintes termos: América portuguesa, Brasil colonial, Brasil Colônia, século XVII, século XVIII, etc. Essa busca resultou nos trabalhos arrolados na Tabela 1:



Tabela 1

Teses e dissertações defendidas nos programas *stricto sensu* em História brasileiros sobre vestuário, traje, moda, indumentária, etc. na América portuguesa (1997-2017)

Ano	Nível	Título	Autor (a)	Programa de pós-graduação/ Universidade	Orientador (a)
2000	Mestrado	Vestir poder e poder vestir: O tecido social e a trama cultural nas imagens do traje negro (Rio de Janeiro, século XVIII)	Escorel, Silvia	Programa de Pós-Graduação em História Social/ Universidade Federal do Rio de Janeiro	Falci, Miridan Britto Knox
2011	Doutorado	"Habitus" no Sertão: gênero, economia e cultura indumentária na Vila de São Paulo (1554-C.1650)	Lima, Igor Renato Machado de	Programa de Pós-Graduação em História Econômica/ Universidade de São Paulo	Samara, Eni de Mesquita
2013	Doutorado	A joia mais preciosa do Brasil: joalheria em Minas Gerais - 1735-1815	Oliveira, Luiz Henrique Ozanan de	Programa de Pós-Graduação em História/ Universidade Federal de Minas Gerais	Paiva, Eduardo França
2015	Mestrado	Sob capas e mantos: roupa e cultura material na Vila de Itu, 1765-1808	Guido, Ligia Souza	Programa de Pós-Graduação em História/Univers	Algranti, Leila Mezan



				idade Estadual de Campinas	
2017	Mestrado	Usando desse ofício de alfaiate: a alfaiataria e os alfaiates do Termo de Mariana (1735 - 1750)	Batista, Letícia Silva	Programa de Pós-graduação em História/ Universidade Federal de Juiz de Fora	Oliveira, Mônica Ribeiro de
2017	Mestrado	A cidade de São Paulo do século XVIII: a importância da indumentária (1765 - 1776)	Silva, Sandra Regina da	Programa de Estudos Pós-Graduados em História/ Pontifícia Universidade Católica de SP	Torrão Filho, Amilcar

Os trabalhos indicados na Tabela 1 revelam a escassez de análises sobre a indumentária, a roupa, o vestuário ou as aparências, sendo que na última década verifica-se a ampliação de defesas com as referidas temáticas, sugerindo uma valorização do objeto nos cursos de pós-graduação em História.

A dissertação de Silvia Escorel foca as roupas de africanos e afrodescendentes na cidade do Rio de Janeiro no século XVIII. A partir da legislação portuguesa e, principalmente, de imagens produzidas por Carlos Julião (1740-1811), a autora analisa “a estrutura social visível nas imagens das roupas dos negros urbanos do final do século XVIII” (SCOREL, 2000, p. 6). O trabalho também identifica os diferentes modos de vestir da população africana e afrodescendente, revelando que o “levantamento de trajes e tecidos africanos demonstrou que a confluência de elementos culturais heterogêneos, já presentes naquele lado do Atlântico, uniram-se no Brasil, por justaposição, aos elementos básicos do traje português” (SCOREL, 2000, p. 5). Além dessa justaposição de elementos, a autora indica a elaboração de novos “códigos vestimentares” (SCOREL, 2000, p. 147) entre os africanos e

8





afrodescendentes na América portuguesa, os quais não deixavam de se relacionar com o papel social dos indivíduos.

Dentre as teses e dissertações, São Paulo é a região que merece destaque nas pesquisas arroladas na Tabela 1. Tanto Igor Lima, em sua tese intitulada "´Habitus´ no Sertão: gênero, economia e cultura indumentária na Vila de São Paulo (1554-C.1650)", quanto Ligia Souza Guido, na sua dissertação denominada "Sob capas e mantos: roupa e cultura material na Vila de Itu, 1765-1808" e Sandra Regina da Silva, em seu estudo intitulado "A cidade de São Paulo do século XVIII: a importância da indumentária (1765 - 1776)" abordaram a indumentária e a cultura material para a capitania paulista.

As relações de gênero, a economia e cultura indumentária foram os pontos centrais abordados na tese de Igor Lima, no intuito de verificar as transformações entre 1554 e 1650 numa sociedade marcada pela economia doméstica, a escravidão e o contato com as populações indígenas. A partir de atas da Câmara Municipal, inventários *post-mortem* e testamentos, relatos de viajantes e discursos de jesuítas, Lima elabora sua análise diacrônica sobre a sociedade paulista. O autor constata a importância da produção de algodão e seus derivados (inclusive têxteis e roupas), a qual fomentou a economia doméstica baseada na mão-de-obra feminina. Essa característica denotava às mulheres relevância na sobrevivência das famílias (LIMA, 2011, p. 160). Também, observa as distinções entre o vestuário masculino e feminino, contudo indica que "tanto as mulheres quanto os homens vestiam-se com roupas coloridas e, no espírito da moda cortesã, ambos possuíam formas coloridas e extravagantes (LIMA, 2011, p. 290). Por fim, Igor Lima sublinha que "o ´ethos´ cortês e a necessidade das aparências perante o público estavam presentes nas modificações dos ´habitus´ no sertão (LIMA, 2011, p. 300)", juntamente com a criatividade suscitada pela vida na colônia e pela a convivência entre os diferentes grupos étnico-sociais.



A cultura material e o vestuário é destaque no trabalho de Ligia Souza Guido, uma vez que seu objetivo principal consiste no estudo “das roupas nas dimensões material e simbólica no período que corresponde ao crescimento da produção açucareira e da consolidação do núcleo urbano da vila de Itu, capitania de São Paulo, entre 1765 e 1808” (GUIDO, 2015, p. 7). Os inventários *post-mortem*, tanto dos moradores de Itu quanto de Lisboa, consistem na principal documentação contemplada pela autora, sendo utilizados também Maços de População, censos realizados na época, genealogias e fontes sobre as importações na vila. Ligia Guido constata a relevância das roupas entre os espólios da época, pois seu valor era comparável a outros bens móveis, como utensílios domésticos e mobiliário. É fundamental sublinhar as semelhanças das roupas femininas constatadas em Itu “ao padrão observado para outra localidade da América Portuguesa, a comarca de Rio das Velhas, em Minas, e também na amostra lisboeta” (GUIDO, 2015, p. 194). Por fim, autora afirma que a posse e o uso de capas e mantos eram indicadores sociais, pois “ao ocultar os rostos e corpos com tecidos valiosos, distinguiam as senhoras de respeito publicamente, mas também serviam para encobrir a pobreza dos trajes das menos favorecidas” (GUIDO, 2015, p. 196).

Apesar de abordar período similar a Ligia Guido, Sandra Regina da Silva na sua dissertação intitulada “A cidade de São Paulo do século XVIII: a importância da indumentária (1765-1776)” focou o centro político-administrativo da capitania, no intuito de verificar como eram as roupas de homens, mulheres e crianças, buscando compreender as formas de identificação dos grupos sociais da localidade (SILVA, 2017, p. 34) . Igualmente, abordou os uniformes militares e as vestes fúnebres. Por fim, estuda as pessoas responsáveis pela confecção das roupas na cidade. Alfaiates, sapateiros e tecelões são considerados pela autora como o “trio dos oficiais da beleza” (SILVA, 2017, s.p.). Para tanto, Sandra Silva utilizou, principalmente, os inventários *post-mortem*, os registros de óbitos e os Maços de População da cidade. A pesquisa revelou o uso de roupas mais elegantes entre os



comerciantes e suas famílias, enquanto a necessidade de adquirir vestuário mais dispendioso provocou o endividamento de indivíduos. Nesse sentido, Silva aponta a importância adquirida pelas roupas na cultura material paulistana no século XVIII.

Além de São Paulo, a capitania de Minas Gerais também se destaca dentre as teses e dissertações da Tabela 1. Tanto as jóias quanto os alfaiates foram os temas explorados nesses estudos, demonstrando a miríade de objetos para a análise de aspectos da indumentária e das aparências para o setecentos. Luiz Oliveira, em sua tese intitulada “A joia mais preciosa do Brasil: joalheria em Minas Gerais - 1735-1815”, considera “as joias como objetos passíveis de serem estudados em forma de sistemas” (OLIVEIRA, 2013, p. 20), sendo esses ornamentos um meio para compreender a sociedade mineira do período. Nesse sentido, o autor considera “as joias nos sistemas funcional, subjetivo, disfuncional ou socioideológico” (OLIVEIRA, 2013, p. 20). Os usos de ornamentos, generalizado na capitania de Minas Gerais, revelava, entretanto, diferentes motivações seja de caráter sagrado (como proteção, por exemplo) ou profano (como elemento de distinção e poder), sendo ainda elemento de intercâmbio cultural entre brancos e negros, escravos e senhores.

Finalmente, a dissertação de Letícia Silva Batista, intitulada “Usando desse ofício de alfaiate: a alfaiataria e os alfaiates no Termo de Mariana (1735-1750)”, avaliou o “universo laboral dessa especialidade mecânica e dos seus agentes em restrito tempo e espaço” e seu comportamento socioeconômico (BATISTA, 2017, p. 163). As fontes produzidas pela câmara municipal permitiram a autora traçar um perfil dos alfaiates, sendo a maioria homens solteiros originários do norte de Portugal. Muitos deles enriqueceram rapidamente, angariando terras, imóveis e escravos enquanto outros, principalmente os pardos-forros, encontraram na alfaiataria meio para ascender material e socialmente. Por fim, a autora destaca que os alfaiates “foram homens qualificados e hábeis em um ofício singular e



especial àquela sociedade das distinções, onde as roupas foram um instrumento de exteriorização dos lugares sociais” (BATISTA, 2017, p. 162).

Como se verifica, entre 1997 e 2017, foram defendidos somente seis trabalhos sobre a indumentária e temas afins nos programas de pós-graduação em História. Além disso, a maioria desses estudos ocorreu a nível de mestrado, revelando a escassez de pesquisas de maior abrangência na área de História no país (SANTUCCI, 2015, p. 4). A exiguidade de trabalhos contemplando os séculos XVI, XVIII e XVIII nos programas de pós-graduação em História contrasta com a ampliação no número de teses e dissertações dedicados à moda. Todavia, é importante destacar que muitos estudos abarcam outros períodos, em especial os séculos XIX e XX (BONADIO, 2010, p. 73-74; RAINHO, 2015, p. 3-10).

Apesar da restrita quantidade, são notáveis a qualidade e o vasto leque documental explorado pelas dissertações e teses referidas. A partir desses estudos se atesta a pertinência dos testamentos e inventários *post-mortem* para a análise do vestuário e das aparências o que não excluí, entretanto, o valor de outros documentos produzidos por instituições político-administrativas, como as câmaras municipais, a legislação portuguesa, a iconografia produzida na época, os relatos de viajantes e outras narrativas e discursos de autoridades para análise do tema. Paralelamente, esses trabalhos revelam um universo ainda pouco explorado pela historiografia, uma vez que relacionam o vestuário e as aparências com a pluralidade étnica, a diversidade social, laboral e econômica da América portuguesa e suas conexões ultramarinas. Os intercâmbios entre os distintos grupos étnicos e sociais, bem como a conformação de relações de gênero a partir da produção e uso do vestuário também se revelam nas análises. Portanto, a partir dessa produção historiográfica é possível apontar a riqueza e a complexidade da temática referente à América portuguesa e as inúmeras possibilidades de pesquisa na área.

Considerações Finais





Embora se verifique um incremento no número de estudos dedicados a moda e temas afins, ainda persiste o parco interesse e, conseqüentemente, a reduzida produção de trabalhos na área da História (BONADIO, 2010, p. 72; DEBOM, 2016, p. 23-24). As causas para explicar tal cenário parecem complexas, pois afirmar que os historiadores consideram o tema fútil ou inferior implica em ignorar a relevância que a cultura material e outros aspectos do cotidiano angariaram na área nos últimos anos. Nesse sentido, a valorização da cultura material e do cotidiano, principalmente a partir da década de 1990, impulsionou os estudos sobre as condições de vida dos habitantes da América portuguesa. Porém, no que se refere à indumentária ainda são escassas as análises para o período colonial, tal como destacou Furtado, ao avaliar a historiografia sobre Minas Gerais, “sobre a vida material da capitania ainda há muito que estudar: como as distinções de status se refletiam nas vestimentas e acessórios [...]?” (FURTADO, 2009, p. 137). Apesar de se referir a capitania mineira, esta pesquisa revela que esse questionamento é válido para toda a América portuguesa, representando ainda um vasto domínio a ser explorado.

Referências

- BATISTA, Letícia Silva. **Usando desse ofício de alfaiate: a alfaiataria e os alfaiates do Termo de Mariana (1735 - 1750)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.
- BONADIO, Maria Claudia. A produção acadêmica sobre moda na pós-graduação
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII**. As estruturas do cotidiano. vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SCOREL, Sílvia. **Vestir poder e poder vestir: O tecido social e a trama cultural nas imagens do traje negro (Rio de Janeiro, século XVIII)**.





Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

FURTADO, Júnia Ferreira. Novas tendências da historiografia sobre Minas Gerais no período colonial. **História da historiografia**, vol. 2, n. 2, 2009, p. 116-162.

GUIDO, Ligia Guido. **Sob capas e mantos: roupa e cultura material na Vila de Itu, 1765-1808**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, 2015.

LARA, Sílvia Hunold. **Fragmentos setecentistas: escravidão, cultura e poder na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LARA, Sílvia Hunold. Sedas, panos e balangandãs: o traje de senhoras e escravas nas cidades do Rio de Janeiro e de Salvador (séculos XVIII). In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (org.). **Brasil: colonização e escravidão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

LIMA, Igor Renato Machado de. **"Habitus" no sertão: gênero, economia e cultura indumentária na vila de São Paulo (1554- c.1650)**. Tese (Doutorado em História Econômica) Universidade de São Paulo, 2011.

no Brasil. **Iara - Revista de Moda, Cultura e Arte**, v.3, n.3, 2010. Disponível em: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wpcontent/uploads/2015/01/03_IARA_vol3_n3_Dossie.pdf>. Acesso em 12 de fev. 2018.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Ozanan de. **A joia mais preciosa do Brasil: joalheria em Minas Gerais - 1735-1815**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

PRIORE, Mary Del. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

RAINHO, Maria do Carmo. A moda como campo de estudos do historiador: balanço da produção acadêmica no Brasil. **Anais do 11º Colóquio de Moda**,



2015. Disponível em: <

<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202015/ARTIGOS-DE-GT/GT06-MODA-E-CULTURA/GT-6-A-MODA-COMO-CAMPO-DE-ESTUDOS-DO-HISTORIADOR.pdf>> Acesso em: 10 de jun. 2018.

SANT'ANNA, Mara Rubia. Império uma civilização nos trópicos. In Anais do II Colóquio Nacional de Moda. Salvador, 2006. s.p. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais_ant/anais/2-Coloquio-de-Moda_2006/artigos/74.pdf> Acesso em: 07 de fev. 2018.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **O Brasil por suas aparências. Sociabilidades coloniais entre o ver e o ser visto.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

SANTUCCI, Natália de Noronha. Historiografia de Moda - Um levantamento da produção acadêmica em São Paulo. In: **Anais Moda Documenta 2015.** Disponível em: <http://www.modadocumenta.com.br/anais/anais/5-ModaDocumenta-2015/04-Sessao-Tematica-Historia-da-Indumentaria-e-daModa/Natalia-Santucci_Historiografia-de-Moda---Um-Levantamento-daProducao-Academica-em-SP.pdf>. Acesso em: 20 de mar. 2018.

SCHWARTZ, Stuart. A historiografia dos primeiros tempos do Brasil moderno. Tendências e desafios das duas últimas décadas. **História: questões & debates**, n. 50, 2009, p. 175-216.

SILVA, Camila Borges da. **O Símbolo Indumentário: distinção e prestígio no Rio de Janeiro (1808-1821).** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Sandra Regina da. **A cidade de São Paulo do século XVIII: a importância da indumentária (1765 - 1776).** Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.